

Índice

Sê tu mesmo e... pensa como eu	1
Fecho das aulas devido à Covid-19 deixou marca perdurável	3
“Las dos caras del liberalismo”	5
“Passámos por cá”	5

Sê tu mesmo e... pensa como eu

Que uma sociedade tenha entre os seus ideais mais elevados a autenticidade é uma excelente notícia. E como não o ser se no pacote são incluídos valores como a sinceridade, a coerência ou a independência de critério? Mas não é esta a mensagem que costuma chegar aos que escutam hoje o conselho “sê tu mesmo”.

O lema está por todo o lado: canções, anúncios, vídeos do TikTok, *realities*, filmes, *slogans* de camisas... E admite os mais variados tons. Inspirador: “Simplesmente sê tu mesmo e as pessoas adequadas virão ter com a tua vida”. Enfático: “Acredita em ti mesmo e serás imparável”. Ameaçador: “Nem sequer penses em diminuir a tua luz para que alguém se sinta mais confortável”. Responsável: “Sê tu mesmo a mudança que queres ver no mundo”. Realista: “Sê tu mesma. Não interessa o que digam as pessoas. Mesmo se fosses perfeita, iriam julgar-te”. Sincero: “Sê tu mesmo, mas não demasiado”...

A cultura popular convida continuamente os jovens a serem eles próprios, mas até que ponto lhes concede a seguir liberdade para se definirem a si mesmos?

A pergunta faz pensar numa das advertências feitas pelo crítico literário Lionel Trilling no seu livro “Sincerity and Authenticity”, publicado no início dos anos 70 do século passado, em plena época de mudanças sociais: “O esforço concertado de uma cultura ou de um setor da cultura para conseguir a autenticidade gera as suas próprias convenções, as suas generalizações, os seus lugares comuns, as suas máximas”.

Atualmente, as pressões vêm de várias frentes. Em teoria, as redes sociais são um espaço perfeito para expressar a originalidade própria através de opiniões, vídeos, poemas, *stories* ou qualquer outra criação de cariz pessoal. Mas na prática abundam a imitação, as poses de todas as cores (*greenwashing*, *pinkwashing*, *wokewashing*...), ou os filtros e retoques do Instagram, que funcionam como máscaras do eu.

Outra forma de pressão é o empenho em reduzir a pergunta sobre a identidade – quem somos? – à identidade sexual. Em determinados meios de comunicação, existe um convite permanente a definir-se contra “a norma” e “o binário”; isto é, para desconstruir a diferença feminino-masculino e para abraçar a fluidez de género.

Também é recorrente a insistência com que os famosos encorajam a descobrimos a nossa essência apelando aos sentimentos como único guia, em vez de integrá-los juntamente com a inteligência e a vontade. “Cada um de nós tem (...) uma canção do coração que nos fala”, [explicava Oprah Winfrey](#) a uma jovem. “E o teu único trabalho é ser capaz de escutá-la e de discernir quando fala aquela e quando falam a tua cabeça e a tua personalidade. Se seguides isso, serás guiada no maior bem para contigo. Sempre”.

Juntamente com esta versão emotivista do “sê tu mesmo”, costuma juntar-se uma encruzilhada tão irreal como desnecessária: de um lado, estão os teus sonhos, a tua paixão, o teu desejo de viver a vida própria de um modo autêntico e excitante; do outro lado, a triste realidade dos teus deveres quotidianos. O conselho continua a ser de Oprah Winfrey: “As pessoas acreditam que o seu trabalho é terem de levantar-se todas as manhãs, saírem e irem ganhar dinheiro, cuidarem da família e

essas coisas. Mas esta é a tua obrigação. O teu verdadeiro trabalho como ser humano é descobrir quem és e por que motivo estás aqui”.

Em face desta falsa dicotomia, Erika Bachiochi convida os jovens a [seguirem os seus sonhos](#), com o foco tanto nas grandes questões existenciais, como nas pequenas perguntas quotidianas, essas que nos revelam quais são os nossos deveres no concreto de cada dia. Por exemplo: “Por quem ou de que sou responsável hoje? Como posso empregar bem o meu tempo? Que devo fazer nesta situação? Como posso tratar determinada pessoa com o amor e a dignidade que merece?” Perguntas como estas ajudam-nos a descobrir qual é a nossa missão única na vida.

Tal como se concebe hoje, o imperativo de sermos nós mesmos está longe do atrativo ideal perfilado por Charles Taylor em [“A Ética da Autenticidade”](#). O filósofo canadiano não considerava ser incompatível a fidelidade a si próprio e a abertura a “horizontes de significado” que transcendem o eu, como “a história, a tradição, a sociedade, a natureza ou Deus”.

Mas agora apresenta-se outra visão da autenticidade. No seu livro [“Tantos tontos tópicos”](#), Aurelio Arteta lamenta que o conselho “sê tu mesmo” tenha adquirido um significado tão diferente do clássico “Vem a ser aquilo que és”. Se a frase de Píndaro, o grande poeta lírico da Grécia antiga, exortava a procurar a melhor versão de nós mesmos através do autoconhecimento e do exercício das virtudes, o “sê tu mesmo” contemporâneo – pelo menos, na sua versão mais difundida – converte em verdade incontestável a ideia de que tudo em mim é valioso pelo simples facto de ser meu.

Assim entendido, o “sê tu mesmo” não só dispensa cada um da nobre e exigente tarefa de procurar o aperfeiçoamento moral próprio, como impõe aos outros a obrigação de não questionar tudo aquilo que hoje se vê como um prolongamento da identidade: opiniões, valores, estilos de vida...

É o corolário lógico da premissa: se não tenho nada a melhorar nem a aprender com os outros, ninguém tem o direito de me sugerir mudanças na minha forma de pensar e de atuar. E nesse os *outros* incluem-se desde os pais, os professores ou os amigos, até aos [grandes livros](#) da literatura e do pensamento.

Esta mentalidade converte o relativismo e o culto da diversidade em valores cívicos inegociáveis: ninguém pode proclamar que existem ideias ou condutas melhores do que outras; o simples facto de se dizer que “vejo as coisas assim” ou “sinto as coisas assim”, torna estimáveis os meus pontos de vista. Ou como afirma Arteta: “A retórica da diferença e da diversidade culmina no absurdo de pregar que qualquer opção moral é igualmente valiosa, porque somente a escolha própria proporciona valor”.

O paradoxo é que, depois de proclamar aos quatro ventos que não há opções objetivamente melhores do que outras, mas que é a decisão subjetiva de cada um que confere significado e

valor, a cultura popular apoia uma visão da autenticidade que entrega aos outros o poder de nos definir.

Como [explica](#) Joseph E. Davis glosando o sociólogo alemão Andreas Reckwitz, atualmente não basta sermos pessoas comuns; temos de nos destacar em alguma coisa e mostrar ao mundo essas qualidades especiais que nos tornam diferentes, únicos. A “autenticidade performativa”, como designada por Reckwitz, é uma obrigação: todos devemos dar um crédito à nossa singularidade, se não quisermos ficar relegados à condição de párias.

E a encenação acaba por ser cansativa. Entre outras coisas, porque exige que seja feito um esforço contínuo de reinvenção. Explica Davis: “Como acontece com as modas, existe uma pressão para o novo e o inovador; aquilo que era único um dia, pode ser um lugar comum no dia seguinte. Mesmo se se consegue uma boa atuação, devemos ser flexíveis e estar preparados para reinventar a nossa diferença. Existe sempre o perigo de passar despercebido”.

Além disso, o reconhecimento da valia própria fica nas mãos dos outros: são os outros quem me concedem valor e quem me concedem o desejado estatuto social de pessoa única. Por muito real que seja, a qualidade diferenciadora “somente conta como autêntica quando é reconhecida socialmente”.

A pressão é fortíssima, porque ser um entre muitos é “sinal de fracasso”. E embora Davis não o refira, é de perguntar se esta ideia da autenticidade poderá estar a contribuir para a ascensão dos desafios extremos nas redes sociais.

Com estas regras de jogo, não é difícil imaginar onde fica a autoestima de tantos jovens. E muito menos será estranho que muitos confessem abertamente que [preferem ser especiais a ser felizes](#).

Nos antípodas desta abordagem, o psiquiatra Fernando Sarráis propõe em [“Autênticos”](#) que se percorra o caminho inverso para sermos felizes: conceder “um maior apreço à avaliação feita por si próprio, do que à avaliação dos outros”; renunciar “ao ser ideal ou perfeito” que temos vindo a forjar ou que outros o fizeram por nós, e começar a querer de forma incondicional o eu real, o que não exclui o esforço por vir a mudar aquilo que razoavelmente se possa alterar. Aqui o eu procura uma melhor versão de si mesmo, através do cultivo do saber e das virtudes, mas também aprende – como aconselha Sarráis – a se aceitar, a ver o positivo de si mesmo e a não sentir vergonha por aquilo que é.

J. M.

Fecho das aulas devido à Covid-19 deixou marca perdurável

Desde que a Covid-19 obrigou a fechar as aulas, professores, famílias e peritos em educação vaticinaram que o padrão educativo sofreria importantes consequências a curto e longo prazo. Depois do regresso às aulas, vários relatórios internacionais parecem confirmar os piores vaticínios, e recomendam medidas de recuperação.

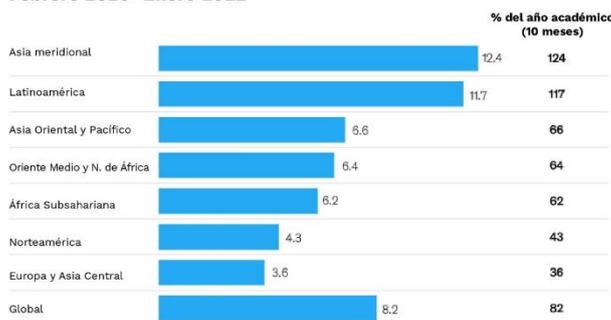
Por exemplo, o Banco Mundial publicou vários estudos a recolher dados de avaliações feitas [em países dos cinco continentes](#). Partindo desta informação, e de outros dados recolhidos pela Unicef referentes ao comprimento dos encerramentos escolares em cada região, a consultora McKinsey também elaborou [um relatório próprio](#). À análise do assunto também se juntaram especialistas de diversas instituições, como [Harvard ou a Brookings Institution](#).

Embora alguns dados variassem ligeiramente de um para outro estudo, a realidade que desenham estes relatórios coincide bastante... e é negativa. Segundo o Banco Mundial, no momento mais grave da pandemia, os encerramentos de escolas afetaram 1600 milhões de rapazes e raparigas, a grande maioria em países de rendimentos médios e baixos. Em média, as escolas fecharam totalmente as suas portas durante 121 dias letivos, a que se tem de juntar outros 103 de encerramentos parciais.

Não obstante, o comprimento da paragem foi muito diferente em cada região. Das 102 semanas que foram de fevereiro de 2020 – quando se começaram a fechar escolas – a janeiro de 2022 – data em que muitos países haviam regressado a uma quase normalidade –, na Europa, Ásia Central e África Subsariana houvera aulas totalmente presenciais durante 45, um pouco menos de 40 na Ásia Oriental e América do Norte, mas somente 5 na Ásia Meridional e América Latina, as duas regiões onde mais tarde se levantaram as restrições (as Filipinas, por exemplo, só retomaram a educação presencial já depois de meados de 2022, ao fim de mais de dois anos).

Logicamente, estas foram as zonas onde se acumulou maior prejuízo educativo. Concretamente, segundo os cálculos da McKinsey, cerca de 12 meses de instrução – isto é, um ano letivo e dois meses –, contra apenas 3,5 na Europa ou na Ásia Central (ver gráfico publicado na “Aceprensa”).

Estimación de meses de retraso en el aprendizaje, por región. Febrero 2020–Enero 2022



Fuente: UNESCO y Banco Mundial

Contudo, não existe uma correlação exata entre a deterioração educativa e a duração do encerramento escolar, porque existem outros fatores a ter em conta; por exemplo, os meios tecnológicos disponíveis em cada sistema educativo, que permitissem a alguns oferecer uma educação remota de qualidade e a outros não. Assim, embora na África Subsariana as aulas se tenham mantido mais tempo abertas do que nos Estados Unidos, o prejuízo foi maior.

Por outro lado, a deterioração educativa em geral mediu-se em comparação com os resultados das gerações anteriores à Covid-19 nesses mesmos países. Por isso, as regiões com pior rendimento anterior tinham menos a perder. Isto explica que, segundo salienta o relatório da McKinsey, os países com encerramento pior tenham sido os de rendimentos e nível educativo médio: aí as notas podiam piorar sensivelmente, e os meios técnicos para a educação *online* eram bem mais pobres. Se a isto se acrescentar a muito longa duração dos encerramentos escolares (por exemplo, na Índia, no México ou nas Filipinas), o resultado não podia ser outro.

O efeito negativo da pandemia na educação mostra-se de forma especialmente clara nalguns indicadores básicos de rendimento, como o absentismo, o insucesso escolar ou as competências fundamentais.

Quanto ao primeiro, um estudo centrado nos EUA assinala que, embora a taxa de absentismo tenha descido ligeiramente em relação ao momento mais agudo da pandemia, continua a ser muito mais elevada do que antes da paragem. Por exemplo, na Califórnia, quase foi o dobro. No plano nacional, calcula-se que entre 1,7 e 3,3 milhões de estudantes dos quatro últimos anos letivos do ensino secundário poderiam vir a deixar a escola prematuramente em consequência da paragem educativa.

A situação é ainda pior em países de baixos rendimentos. No Uganda, estima-se que um terço de todos os estudantes estão em risco de não regressar às aulas. Estas previsões baseiam-se no que aconteceu na epidemia do ébola entre 2014 e 2016, que fez aumentar significativamente a taxa de abandono escolar, especialmente entre as raparigas e nas comunidades mais pobres.

Outro indicador básico que mostra o efeito da pandemia é a chamada “pobreza educativa”, que o Banco Mundial define como a incapacidade de ler e entender bem textos simples aos 10 anos. Estimava-se que a sua incidência aumentaria 10 pontos percentuais no plano mundial devido aos encerramentos escolares, vindo a atingir 63 % dos alunos. Todavia, [o crescimento foi muito maior](#) nos países com encerramentos mais longos. Por exemplo, nalguns da América Latina e Ásia Meridional superou os 20 pontos percentuais, tendo afetado 80 % dos estudantes. Em termos absolutos, a África Subsariana continua no topo, com uma taxa superior a 90 %, mas a pandemia teve menor incidência relativa.

Por outro lado, a interrupção das aulas também teve efeitos negativos noutros fatores relacionados com o bem-estar social, emocional e de saúde dos estudantes. Concretamente, alguns estudos salientam um aumento da violência contra menores, os casos de ansiedade ou as gravidezes em adolescentes. Também aumentou a taxa de obesidade, ao mesmo tempo que milhões de rapazes e raparigas deixaram de receber o almoço gratuito nos refeitórios escolares: no pico da pandemia calcula-se que isto afetou 370 milhões, um número que foi reduzido até aos 180 milhões em outubro de 2021.

Além da capacidade de leitura, também a matemática sofreu muito por causa da paragem educativa. De facto, segundo a maioria de medições dos vários países, a deterioração neste âmbito foi ainda maior. Os especialistas explicam que este tipo de conteúdos necessita mais do professor para se consolidar (por isso, as férias de verão costumam ser especialmente prejudiciais para estas competências).

Os relatórios também salientam um maior efeito da paragem nos alunos dos primeiros anos do ensino primário em relação aos restantes. Apontam-se várias razões: têm uma menor bagagem de conteúdos que lhes sirvam como “reserva”; necessitam de um maior apoio dos professores, pelo que o ensino virtual é menos eficaz; além disso, aprendem mais por ano do que os mais velhos, pelo que a perda relativa com o encerramento da escola também é maior.

Por outro lado, os dados de diversos estudos indicam que o efeito negativo suscitado pela pandemia foi mais agudo entre as raparigas, especialmente nos países com rendimentos médios e pobres. Isto pode dever-se, por um lado, a fatores culturais (menor aposta na educação da mulher), mas também pode estar relacionado com a especial incidência dos encerramentos nas competências matemáticas, nas quais as alunas costumam obter piores resultados do que os seus companheiros.

No que concordam todos os estudos é que, dentro de cada país, os estudantes de nível económico mais baixo e as minorias raciais – fatores frequentemente relacionados – sofreram um impacto educativo mais forte. A menor disponibilidade de meios tecnológicos para acompanhar o ensino remoto, o inferior capital de formação dos pais, a impossibilidade de pagar professores particulares ou academias, e o pior rendimento escolar antes da paragem explicam que o fosso educativo

tenha aumentado sensivelmente com a pandemia. De qualquer forma, mesmo num país com condições favoráveis como os Países Baixos (sociedade pouco desigual, paragem educativa mais curta do que a média, bom equipamento para o ensino *online*), [a desigualdade aumentou](#).

Uma vez de regresso às aulas, a recuperação da aprendizagem perdida também está a ser díspar. De acordo com o referido [num relatório da McKinsey sobre este tema](#), os estudantes norte-americanos matriculados em escolas com um corpo de alunos maioritariamente negro ainda se encontram cinco meses atrasados na leitura e na matemática, comparativamente às gerações anteriores desses mesmos centros escolares; pelo contrário, os que frequentam escolas de maioria branca atualmente têm apenas dois meses de atraso.

O mesmo pode dizer-se do absentismo escolar e do nível socio-económico: enquanto a taxa quase regressou a níveis pré-pandemia entre os estudantes ricos, mal houve recuperação entre os mais pobres.

Diante do panorama tão sombrio que deixou a pandemia nas salas de aula, os especialistas educativos recomendam, em primeiro lugar, fazer um diagnóstico exaustivo e o mais cedo possível das deficiências de aprendizagem acumuladas, especialmente nas competências essenciais: leitura e matemática. Alguns sistemas educativos estão a reforçar a carga horária destas cadeiras, ou a desenhar programas de reforço para os mais atrasados.

As [tutorias em pequenos grupos](#), especialmente as denominadas “de alta intensidade” (um grande número de horas de reforço em pouco tempo e com um acompanhamento muito próximo de cada aluno), demonstraram ser uma ferramenta muito eficaz na recuperação de estudantes “perdidos”, e especialmente nos primeiros anos letivos do ensino primário. Um artigo publicado na *Brookings Institution* recomenda fazer delas [a medida prioritária](#) para a luta contra as desigualdades geradas pela paragem educativa, acima da redução da dimensão das turmas ou da extensão do ano letivo.

Outras propostas pedem para aproveitar o conhecimento das tecnologias educativas gerado durante o encerramento (por exemplo, com bases de dados mais pormenorizadas para acompanhar o progresso dos estudantes, ou *software* útil para a criação e avaliação de conteúdos), ou investir mais dinheiro na saúde mental dentro dos centros escolares.

F. R.-B.

“Las dos caras del liberalismo”

“Two Faces of Liberalism”

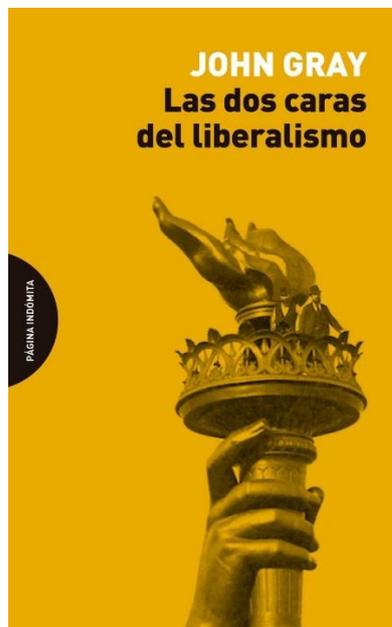
Autor: John Gray
Página Indómita. Madrid (2021)
288 págs.

John Gray, filósofo político de prestígio, oferece-nos uma obra onde reflete sobre a pergunta chave: como viver uma vida boa? A isso podem dar-se duas respostas, segundo o pensador britânico. O liberalismo formal entende que à interrogação só se pode responder no âmbito privado, não no âmbito público. Os [comunitaristas](#) pensam que as formas liberais se imporiam, pelo contrário, sobre um consenso de valores sociais e culturais precedentes. [Gray](#), um intelectual de renome (“Aceprensa”, 24.7.2019), foge da ideia de “solução correta” para explorar os contornos da vida boa e descobrir um ponto de encontro entre ambas as concepções. Escusado será dizer que em tempos de divisão e polarização como os que vivemos, as respostas para essa pergunta multiplicam-se sem solução de continuidade e, por esse motivo, a obra de Gray reeditada pela Página Indómita torna-se especialmente interessante.

A resposta liberal, para Gray, é tolerante e uniformizadora, contando com o apoio de John Locke, Immanuel Kant, Friedrich Hayek, John Rawls, Ronald Dworkin ou Robert Nozick. A segunda, mais respeitadora da diversidade, é acompanhada por Thomas Hobbes, David Hume, Isaiah Berlin e Michael Oakeshott. O liberalismo exige maior igualdade, o que dificulta poder chegar a um consenso sobre qual é a melhor forma de viver. O outro *modus vivendi* (ao qual se associa o próprio Gray) baseia-se na diversidade. Independentemente disso, o necessário é obter uma coexistência mais ou menos harmoniosa entre ambas as concepções, sem necessidade de que uma se imponha à outra: aí se encontra a chave da paz social.

Com efeito, segundo Gray, um sistema político saudável não promove valores particulares, procurando sim canalizar de forma negociada os conflitos entre compreensões do bem diferenciadas. Não existe solução para esta diversidade inerente à sociedade humana e os valores não confluem numa ética comum. Por este motivo, Gray diz-nos que a humanidade não está destinada a unir-se em torno de uma civilização universal. O liberalismo que propõe o nosso autor é mais humilde, evitando a unanimidade racional e abrindo-se a práticas e convenções locais onde coexistem pacificamente valores que sabemos irreconciliáveis. Ao fim e ao cabo, por mais teorias que esboçemos, as ironias e dramas da política continuarão aí quando despertarmos, como o dinossauro do escritor Augusto Monterroso.

I. A. R.



“Passámos por cá”

“Sorry, we missed you”

Realizador: Ken Loach
Atores: Kris Hitchen, Debbie Honeywood
Duração: 100 min.
Ano: 2019

Um casal com dois filhos atravessa uma crise económica... a mulher trabalha como cuidadora em casas de pessoas necessitadas. Por sua vez, o marido fora despedido e procura um novo emprego. Acaba então por aceitar ser motorista numa empresa de entregas rápidas que serve a Amazon, a Google, etc., que usam estes serviços para os seus produtos chegarem depressa à casa do consumidor. No entanto, as condições de trabalho oferecidas são duras e, neste caso, vão até implicar andar na estrada 14 horas por dia, em 6 dias por semana. Além disso, o marido tem de arranjar uma viatura própria, vendo-se obrigado a vender o carro da mulher, que passa a ir de auto-carro para o seu trabalho... Há como que uma perversão da “gestão económica”, pois se, por um lado, as grandes empresas defendem e praticam uma boa responsabilidade social para com os seus colaboradores, por outro lado, aceitam que as empresas mais pequenas às quais recorrem, quase que escravizem os seus funcionários com condições pesadas...

O filme acompanha o ritmo de trabalho do pai e da mãe, mas foca também o seu impacto nos filhos, revelando como evolui a personalidade dos pequenos e o reflexo negativo provocado pela ausência dos pais. São então apresentadas de forma bas-

tante real, várias situações duras do dia-a-dia... Tanto o filho como a filha vão lançando sinais de alerta de que as coisas não estão a ir bem, mas não é fácil encontrar uma solução. É necessário fomentar a proximidade e, por vezes, até tentam iniciativas...

Há injustiças evidentes no mundo.... As relações familiares são um suporte na base de tudo e se falham, podem provocar consequências no próprio "ser" da pessoa.

Tópicos de análise:

1. Conciliar profissão e família é essencial para a realização pessoal.
2. Se um chefe promove o bem-estar de todos, aumenta a produtividade.
3. Valorizar o pequeno gesto, causa grande impacto na decisão final.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

